

NELSON RODRIGUES E A PÁTRIA EM CHUTEIRAS**Nelson Rodrigues and the homeland in cleats****Michele dos Santos¹****Luiz Henrique Borges²**

RESUMO: Nelson Rodrigues, um dos grandes dramaturgos do país, também foi importante cronista esportivo e seus escritos ajudaram na construção do Brasil como o país do futebol. Em suas crônicas, Nelson procurava entender os motivos da baixa-estima dos brasileiros, que os afetavam em todos os campos de atuação, não só no futebol, e encontrar soluções para a sua superação. Em suma, Nelson identificou o ãcomplexo de vira-latasö e a receita para fazê-lo desaparecer, no intuito de que o brasileiro, enfim, se tornasse o ãhomem genialö.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Futebol. Crônicas. Identidade e Representação.

ABSTRACT: Nelson Rodrigues, one of the country's greatest playwrights, was also an important sportswriter, and his writings helped in the construction of the Brazil as a soccer's country. In his chronicles, Nelson sought to understand the reasons for the Brazilians' low self-esteem that affected them in all activity's fields, not only in soccer, and also to find solutions to their overcome. In a nutshell, Nelson identified the ãUnderdog Complexö and the recipe to overcome it, so the Brazilian could, finally, become the ãgenius manö.

Keywords: Nelson Rodrigues. Soccer. Chronicles. Identity and Representation.

Em 30 de outubro de 2007, o Brasil ganhou o direito de sediar uma nova Copa do Mundo, 64 anos após o campeonato mundial de 1950, de tristes lembranças para a torcida brasileira. A euforia tomou conta do país, como se já tivéssemos levantando o ãcanecoö, demonstrando, mais uma vez, a nossa forte identificação com o futebol.

O futebol, denominado ãesporte das multidõesö, é capaz de levar milhões de torcedores brasileiros e bilhões em todo o mundo a assistirem as partidas nos estádios ou em frente aos televisores, capaz de parar as atividades cotidianas do país em períodos de Copa do Mundo. Talvez, por isso mesmo, tenhamos a impressão bastante disseminada, e fruto de um

¹ Professora titular de História Moderna e Contemporânea na Universidade Estadual de Goiás, campus de Formosa, e Mestre em História pela Universidade de Brasília. Lidera o GPTEC ó Grupo de Pesquisas em Imagens Técnicas ó na UEG-Formosa, GO, Brasil. michelle.santos0803@gmail.com

² Professor da UEG - UnU Formosa e Historiador do Iphan. Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília, DF, Brasil. luiz.borges@iphan.gov.br

processo bem sucedido de naturalização, de que o futebol é algo inerente ao brasileiro, quase se confundindo com ele próprio. Essa aproximação é tanta que, podemos até pensar que se não fomos os inventores desse esporte, tal fato só se deu em virtude de alguma piada do destino.

O futebol, esporte bretão, chegou ao Brasil em fins do dezenove e tornou-se, inicialmente, uma prática esportiva muito comum entre os membros da elite brasileira, servindo inclusive como elemento de diferenciação dela com outros grupos sociais. Segundo Waldenyr Caldas, o caráter elitista e também racista do futebol brasileiro era algo bem natural, afinal foram os ingleses que introduziram esse esporte no Brasil, além do que eles formavam uma parte da elite brasileira juntamente com os brasileiros mais afortunados que podiam estudar no exterior e que retornavam trazendo as novidades do Velho Mundo.

Há que se destacar, porém, que boa parte da trajetória inicial do futebol no Brasil possui um caráter elitista e, dificilmente poderia ser de outra forma. Os ingleses, precursores desse esporte em nosso país, faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca; além deles, somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol (CALDAS, 1990, p. 24).

Porém, esse exclusivismo não se perpetuou e de forma surpreendentemente rápida o futebol foi apropriado por todos os setores da sociedade brasileira, tornando-se não apenas uma das nossas riquezas como nação, mas também uma das nossas principais caixas de ressonância social. É preciso ressaltar que a prática do futebol se viu favorecida pela quantidade e simplicidade de suas regras e instrumentos de jogo. Qualquer um, inclusive os indivíduos menos abastados, poderia praticá-lo seguindo suas regras. Para isso bastava dispor de uma bola, que não necessariamente precisaria ser de couro, mas poderia ser de pano, e um terreno baldio, rua ou praça que se transformaria no campo.

Dessa forma, o futebol acabou por interessar não só à elite brasileira, mas também aos outros segmentos sociais. Jovens negros, crianças e brancos pobres mostravam grande atração pelo futebol e se não podiam entrar no estádio para assistir às partidas, procuravam encontrar lugares, como morros próximos ao estádio, árvores, entre outros artifícios, para acompanharem os jogos e aprender sua prática. Considerando o manifesto interesse pelo jogo, não tardou muito para que sua prática se estendesse a essas camadas menos favorecidas, que buscaram espaço próprio para realizarem tal atividade.

Do que foi acima discutido, percebe-se claramente então que o Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser determinada temporalmente, na qual os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente e, dentre os vários e renomados cronistas esportivos brasileiros, Nelson Rodrigues ocupa um lugar especial.

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife em 23 de agosto de 1912, filho do jornalista Mário Rodrigues e de Maria Esther, filha da bem sucedida família Falcão. Em decorrência das posições políticas por ele defendidas, Mário Rodrigues acabou se mudando com a família em 1916 para a então capital do país, o Rio de Janeiro.

Nelson cresceu em um bairro da zona norte do Rio de Janeiro chamado Aldeia Campista, experiência que marcaria profundamente os seus futuros escritos, afinal õas vizinhas eram mesmo gordas e patuscas (...). Seus maridos eram magros, asmáticos, espectrais (...). Era também uma vizinhança de solteironas ressentidas, de adúlteras voluptuosas e, não se sabe por que, de muitas viúvasö (CASTRO, 1992, p. 21).

Em 1919, Nelson Rodrigues conheceria uma das maiores paixões de sua vida, o Fluminense. Esse foi o ano em que o tricolor carioca sagrou-se tricampeão do campeonato carioca. Porém, é importante que se diga que Nelson já era um aficionado pelo futebol, torcia inclusive para o Andaraí.

Ao entrar na adolescência Nelson ficava constantemente depressivo e para que ninguém o incomodasse, refugiava-se num dos quartos da casa na Quinta da Boa Vista, onde agora a família Rodrigues morava, lendo ou então praticando sua nova paixão, que era escrever.

Enchia resmas de papel com o que, olhado de esquelha, pareciam ser crônicas. Não se sabe ao certo o que eram, porque Nelson não mostrava uma linha a ninguém. Nem a Roberto, seu primeiro irmão em admiração. (CASTRO, 1992, p. 41).

Começou a carreira de jornalista ainda adolescente, no jornal *A Manhã*, de propriedade de seu pai, que lançou o primeiro número do citado jornal no final de dezembro de 1925. Nelson, por sua vez, convencera o pai a deixá-lo trabalhar como repórter de polícia, fato que marcou toda a sua trajetória futura e os crimes que mais o seduziam eram aqueles relacionados com paixão, traição ou vingança e em especial os pactos de morte entre jovens namorados. Desde muito cedo ele demonstrou todo o seu talento emprestando grande carga de dramaticidade para os simples e toscos relatórios que recebia. Dependendo da qualidade do

material, ele era capaz de prolongar a história por vários dias, como no caso do pacto de morte em Paquetá.

Muito depois que o casal já estava enterrado e quase esquecido, a imaginação delirante de Nelson continuava fabricando ingênuas subtramas sobre o caso, com cenas de amor fremente, beijos arrebatados e de uma volúpia sexual que ele conhecia intimamente do cinema ou dos folhetins (CASTRO, 1992, p. 48).

Da reportagem policial, Nelson foi promovido, em 1928, à página dos editoriais e quando seu pai lançou o jornal *Crítica*, Nelson, juntamente com o seu irmão Mário Filho, passaram à seção de esportes, porém, em 1929 nuvens cinzas e pesadas rondavam os Rodrigues. Os problemas se desencadearam quando Roberto Rodrigues foi assassinado na sede do jornal devido a um artigo publicado no mesmo. O pai, Mário Rodrigues, ficou extremamente abalado com a morte do filho e acabou falecendo poucos meses depois de trombose cerebral. E para completar a tragédia rodriguiana, o pai, antes de falecer, posicionou-se a favor de Washington Luís e seu candidato à presidência da República, Júlio Prestes, grupo derrotado pela Revolução de 1930 que alçou Getúlio Vargas ao poder. As consequências foram nefastas, afinal o jornal da família foi empastelado e fechado.

Depois de se recuperar de uma tuberculose, Nelson retornou a trabalhar nas redações dos jornais, inclusive de seu irmão, Mário Filho, que se tornou, em 1936, proprietário do *Jornal dos Sports*. A partir daí, até a sua morte em 21 de dezembro de 1980, Nelson foi não apenas um escritor e cronista de grande popularidade, escrevendo inúmeras crônicas em vários jornais e revistas tais como o: *Jornal dos Sports*, *O Globo*, *Última Hora* e *Manchete Esportiva*, mas tornou-se um dos maiores autores de peças teatrais do país.

Nelson Rodrigues deu um novo brilho à crônica futebolística, encantando especialmente o público masculino, com seu estilo inconfundível, despojado, irônico, engraçado e repleto de imagens. Criticava de forma ácida setores de intelectuais, estudantes e a esquerda de modo geral, em especial todos aqueles que designavam o futebol como o ópio do povo. Segundo ele: ão intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata (RODRIGUES, 202, p. 134).

Ressalte-se que a tensão existente entre os intelectuais, em especial os de esquerda e Nelson Rodrigues, que se considerava um defensor da cultura popular, fez-se presente em toda a sua obra e não apenas nas crônicas de futebol.

É importante destacar ainda, que como qualquer outra atividade humana, os esportes em geral e o futebol em particular, são objetos de manipulação política no Brasil e no mundo, especialmente no sentido de catalisar os õbons ventosõ soprados nos momentos das vitórias. Benito Mussolini, por exemplo, em um singelo, porém arguto telegrama enviado aos jogadores italianos na véspera da final da Copa de 1938, ocorrida na França, escreveu: õVencer ou Morrerõ. A *squadra Azzurra* venceu. Já Goebbles, ministro nazista, chegou a afirmar após a derrota da seleção alemã para a Suécia em 1942, ao verificar o estado negativo de ânimo da torcida do III Reich, que vencer uma partida era mais importante para o povo do que capturar uma cidade em algum lugar do leste.

No Brasil, indubitavelmente, o exemplo mais marcante da utilização política do futebol ocorreu com a conquista do tri-campeonato mundial pela seleção canarinho no México. Consumada a vitória, o governo dirigido por Médici explorou a conquista de todas as formas possíveis, sempre com o intuito de potencializar o futebol como um fator capaz de promover a õunidade nacionalõ.

Paralelamente ao presidente Médici, que instituiu feriado nacional para valorizar a recepção dos jogadores em Brasília, não foram poucos os governadores, prefeitos e vereadores que fizeram de tudo para posar ao lado dos craques. Para os ligados mais diretamente ao governo, repetir o discurso oficial era fácil, uma vez que bastava relacionar o desempenho da seleção ao momento de euforia econômica que se convencionou chamar de Milagre (AGOSTINO, 2002, p. 162).

Fica evidente, então, que o caráter nacional sempre estava presente nas crônicas rodriguianas e o auxiliava nas definições e análises do homem brasileiro. A partida de futebol era o elemento detonador de uma narrativa que normalmente superava o acontecido, ultrapassava o simples objetivo de informar os acontecimentos da semana, instituindo-se como verdadeiras epopeias, que chegavam a levar o futebol a uma dimensão de eternidade. Segundo Fátima Antunes, õmesmo sem pretensão de formular teorias sobre o assunto, Nelson construiu uma interpretação de brasilidade pelo futebolõ (ANTUNES, 2004, p. 210).

Nelson não se preocupava realmente com o fato em si. Este só teria importância se estivesse de acordo com as posições do cronista. Cabe ressaltar que, segundo Benjamin, o cronista é o narrador da história. Para ele, o historiador terá que explicar os episódios com que lida, enquanto o cronista está liberado do ônus da explicação verificável (BENJAMIN, 1987, p. 209). Sua parcialidade fazia com que o objetivo se curvasse diante do subjetivo. A sua posição em relação ao videoteipe é bastante esclarecedora. Se as imagens eram coincidentes

com sua leitura do jogo, da partida de futebol, elas serviam de comprovação, e Nelson elogiava o videoteipe, porém, se as imagens fossem divergentes da sua leitura do jogo, ele contestava o citado recurso tecnológico³.

E o patético é que, quinta-feira, o vídeo-tape de Brasil X Inglaterra nos dera uma versão deprimente do escrete. O povo não sabia como conciliar as duas coisas: ó o delírio dos torcedores e a exata veracidade da imagem. Após a batalha de ontem, eu vi tudo. A verdade está com a imaginação dos locutores. E repito: ó a imaginação está sempre muito mais próxima das essências. Ao passo que o vídeo-tape é uma espécie de lambe-lambe do Passeio Público, que retira das pessoas toda sua grandeza e esvazia os fatos de todo o seu patético.

Disseram os locutores que o Brasil fizera, contra a Inglaterra, uma exibição deslumbrante. Pura imaginação e, por isso mesmo, altamente veraz. O vídeo-tape demonstrou o contrário. Azar da imagem (RODRIGUES, 2002a, p. 90).

Indo em direção às características presentes no narrador benjaminiano, para Nelson, o fato em si, a jogada tal como ocorrera, não era o que realmente importava; ele não estava interessado em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório (BENJAMIN, 1987, p. 205). A partida de futebol era o elemento detonador de uma narrativa que normalmente superava o acontecido, ultrapassava o simples objetivo de informar os acontecimentos da semana e que estava repleta da presença do narrador. Em suma, Nelson imprimia ãna narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (...) Seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Nos escritos rodriguianos encontra-se a valorização dos registros sensoriais, visuais e táteis e, segundo José Carlos Marques, ão que vemos em Nelson é a composição do texto escrito em confluência (e divergência) com diversos elementos gráficos-visuais do jornal ó meio em que suas crônicas eram divulgadas (MARQUES, 2003, p. 88).

Outra característica fundamental para se entender as crônicas rodriguianas é a sua dimensão utilitária. Elas sempre estiveram repletas das suas experiências e procuravam oferecer conselhos. Todos esses elementos são características inerentes ao narrador benjaminiano, afinal a verdadeira narrativa apresenta sempre uma dimensão utilitária, sendo o narrador aquele que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1987, p. 200-201).

³ É interessante perceber que de certa forma Nelson Rodrigues tinha razão, afinal a imagem apresentada por ângulos diferentes pode levar a interpretações também distintas da mesma jogada.

Para o cronista, o brasileiro sofria de um grande mal, a falta de confiança em si mesmo, sempre se colocando em uma posição de inferioridade em relação ao estrangeiro, em especial aos europeus. Ele elaborou críticas muitas vezes ácidas em relação aos seus colegas de imprensa que ajudavam a divulgar imagens depreciativas do brasileiro.

O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: ó somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem (RODRIGUES, 2002a, p. 30).

Essa tendência, a desvalorização do futebol e do jogador brasileiro, esse ufanismo às avessas, usando as palavras do próprio Nelson Rodrigues, estaria relacionado ao fracasso do Brasil na Copa de 1950, quando fomos derrotados, em pleno Maracanã, pela seleção do Uruguai, perdendo assim a final da Copa do Mundo.

Nelson repudiava as demonstrações das emoções trocadas, acreditava inclusive que o brasileiro se comprazia com as derrotas e empates, o que para Nelson era a confirmação do sentimento de inferioridade do brasileiro.

Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui, não. Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo o dramatismo e toda a importância. Atribuía-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. (...) Dir-se-ia que, por uma prodigiosa inversão de valores, sofreremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota.

(...)

Há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: ó o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revês de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro (RODRIGUES, 1999, p. 50).

Ao contrário de parte da imprensa nacional que acreditava que a instabilidade emocional do brasileiro, que para ela ficou patente na derrota frente ao Uruguai, era decorrente da mestiçagem nacional, Nelson Rodrigues acreditava que a citada instabilidade era fruto sim de um arraigado sentimento de inferioridade que indubitavelmente minava qualquer possibilidade de realização e vitória do selecionado nacional e que ele denominou como *õcomplexo de vira-latasõ*.

A pura, a santa verdade é a seguinte: ó qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo único em matéria de fantasia, de

improvisação, de invenção. Em suma: ó temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de «complexo de vira-latas» Estou a imaginar o espanto do leitor: ó «O que vem a ser isso?» Eu explico.

Por «complexo de vira-latas» entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (...)

Eu vos digo: ó o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo (RODRIGUES, 2002a, p. 52).

O «complexo de vira-latas» é recorrente nas crônicas rodriguianas. Ele é esquecido pelos brasileiros quando das grandes vitórias, mas retorna nos momentos de derrota. Dessa forma, o futebol teria, segundo Nelson, uma importância moral imensa para todos os brasileiros. Ele chegou mesmo a escrever quando da suada vitória brasileira sobre os espanhóis na Copa de 1962: «amigos, era ali ou nunca. Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão» (RODRIGUES, 2002, p. 86).

Se Nelson sempre acreditou no futebol brasileiro, a representação do Brasil como país do futebol precisou sustentar-se em acontecimentos que efetivamente permitissem sua legitimação, dando-lhes foros de «verdade», o que se confirmou nas vitórias dos clubes brasileiros no exterior e principalmente do selecionado nacional a partir da Copa de 1958, quando se sagrou campeão do Mundo na Suécia.

A euforia com as vitórias era tanta que para Nelson o brasileiro era uma nova experiência humana, sendo inclusive apresentado como um homem genial, repleto de virtudes e qualidades. Os elementos singulares e identitários brasileiros eram destacados, tais como: a moleçagem, a improvisação e a esperteza que caracterizariam o nosso estilo de jogar, denominado de «futebol-arte».

Em contrapartida, o que mais preocupava Nelson Rodrigues, no momento da derrota, era a negação da nossa própria identidade, da nossa forma de jogar, da «narrativa» própria do nosso futebol e a busca e a valorização de «narrativas» importadas, o denominado «futebol-força». Em suma, ele sempre se insurgiu contra a subvalorização do «futebol-arte».

Amigos, eu sempre digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-latas entre as nações, e o brasileiro, um vira-lata entre os homens.

(...)

Éramos assim antes das Copas da Suécia e do Chile. Na nossa humildade feroz de subdesenvolvidos, tínhamos esse complexo ululante do rapa.

Só em 58 é que, de repente, o Brasil e o brasileiro deixaram de ser vira-latas.

(...)

Estávamos esquecidos, sim, estávamos desmemoriados do nosso subdesenvolvimento. E súbito, vem a frustração hedionda do tri. Ontem mesmo, eu vim para a cidade, no ônibus, com um confrade. Súbito, constato o seguinte: ó o colega babava na gravata. E o pior é que não havia, ali, à mão, um guardanapo. Eu ia adverti-lo quando descobri que todos, no coletivo faziam o mesmo. Percebi tudo: ó perdida a Copa, deu no povo essa efervescente salivagem. Repito: ó pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o telefone para mim. Antes do bom-dia, disse-me ele: ó òVoltamos a ser vira-latas!ö (RODRIGUES, 1999, p. 120-122).

Para Nelson, o brasileiro não precisaria imitar os europeus, ou ainda mudar radicalmente seus aspectos mais marcantes para alcançar as vitórias. Bastaria aprimorar as suas virtudes e ter consciência dos seus defeitos. Os nossos craques teriam o que falta aos outros, isto é, a fantasia, o òélanö criador, a molecagem, a malandragem e a paixão. A nossa habilidade e criatividade, a prática do òfutebol-arteö, além de nos diferenciar de outras seleções e equipes seria a grande responsável pela nossa dita superioridade futebolística. Segundo o nosso cronista:

A Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana (...) o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem (RODRIGUES, 1999, p. 80-81).

Quando as Copas se aproximavam, Nelson buscava, de forma ainda mais veemente, associar a nação brasileira ao futebol em suas crônicas. Para ele, a nação se uniria em torno do selecionado, seria òa pátria em chuteirasö.

Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil. Aí está o milagre do escrete. Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto, uma razão de auto-estima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas (RODRIGUES, 2002a, p. 181).

Ou ainda:

Nunca o povo teve uma certeza tão violenta e tão possessa. O escrete tinha de vencer porque não era somente o escrete, era também o Brasil, era também o homem brasileiro (RODRIGUES, 2002a, p. 94).

Dessa forma, percebe-se que o jogo, a partida de futebol, mais do que uma disputa desportiva, também revela o òconfrontoö de culturas e de identidades. Demarca diferenças e nos individualiza.

Para Nelson, depois da conquista do tri-campeonato, em 1970, no México, o mundo reconhecia o incontestável valor do futebol brasileiro. Foi mais uma vitória do futebol, do homem e da nação brasileira. A seleção propiciava a união nacional, as manifestações populares após as vitórias serviriam para estimular a construção e solidificação da pátria em chuteiras.

Obviamente Nelson Rodrigues se utilizou e reforçou o próprio discurso do Governo Médici. É importante ressaltar que o cronista aqui analisado sempre se posicionou ao lado dos golpistas, o Exército tinha inclusive enorme consideração por ele, afinal, em 1969 ele não era apenas um dos poucos intelectuais afinados com a revolução, como também o mais popular. Tal fato, no entanto, não o impediu, e até o ajudou, dada a proximidade entre ele e figuras importantes do regime, a salvar uma série de perseguidos políticos dos porões da ditadura.

Nelson reuniu forças para exercer uma espécie de militância política de que nem todos os seus amigos tinham conhecimento (...).

Seu prestígio e contatos com os militares tornaram Nelson um amigo a ser procurado por pessoas em apuros junto ao regime. De 1969 a 1973, ele foi instrumental na localização, libertação ou fuga de diversos suspeitos de crimes políticos (CASTRO, 2003, p. 396).

Mesmo com as derrotas do selecionado brasileiro em 1974 (Copa da Alemanha) e em 1978 (Copa da Argentina), Nelson permaneceu fiel, em todas as crônicas, às suas posições, sempre insistindo na valorização das características intrínsecas do futebol brasileiro e criticando os seus colegas que continuavam desvalorizando o futebol brasileiro.

Segundo Benedict Anderson (1989, p. 20), transformar o acaso em destino consistiria na mágica do nacionalismo. Visto deste prisma, Nelson Rodrigues seria um nacionalista convicto. Para ele, o brasileiro estava repleto de dons, para alcançar o sucesso só teria que tomar consciência disso.

A identidade nacional construída por Nelson Rodrigues agrega tanto elementos negativos como de positividade. Dentre os primeiros, pode-se destacar a fragilidade emocional, a insegurança e a humildade (termo substituído a partir da década de 60 pelo de subdesenvolvimento) que se manifestam no atávico complexo de inferioridade, ou complexo de vira-latas e na falta de estima. Já os elementos de positividade estão representados pela esperteza, pela agilidade e pela molecagem. Todos esses elementos sempre estiveram presentes, segundo Nelson, no futebol brasileiro. Porém, ele sempre defendeu o futebol-arte e a capacidade de improviso do homem brasileiro. Em suma, o brasileiro jamais precisaria

mudar radicalmente a sua forma de jogar ou de imitar o estrangeiro para alcançar a vitória. Bastaria a ele conhecer claramente os seus defeitos e aprimorar as suas virtudes.

Antes de finalizar, é interessante destacar que Nelson Rodrigues percebe claramente que a atração do brasileiro pelo futebol não se circunscreve apenas ao selecionado nacional, mas ele está também fortemente presente no clube do coração e por ele o torcedor é capaz de fazer os mais improváveis sacrifícios. Seus escritos ressaltam essa paixão, como pode ser verificado na crônica escrita para o jornal O Globo de 26 de junho de 1971, intitulada *“Duelo de Paixões”*:

(...) Conheço um pó-de-arroz que, há três anos, tentava a conquista de uma senhora inatacável e, mais do que inatacável, inexpugnável. Mas o meu conhecido tinha a obstinação dos grandes amores. Todos os dias, havia este diálogo pelo telefone. Dizia ele, incendiado: Eu te amo, te amo e te amo!ö. Ao que respondia a inconquistável: öO problema é seu. Eu amo o meu maridoö. E ele: öesperoö. A outra ironizava: öQuanto tempo?ö. E o desgraçado: öSeis mil anosö.

Tamanha paciência deslumbrou a jovem e bela senhora. Dispôs-se a considerar a hipótese do pecado, com relativa boa vontade. O pior vocês não sabem: ó o marido da musa trabalhava em casa, como ourives. E não concedia à mulher os dez minutos do cafezinho da anedota. O meu conhecido argumentava: öMeu bem, é impossível que teu marido não morra em seis mil anos!ö. Por fim, ela já correspondia: ö Moro com meu marido, e só saio com meu maridoö. Até que, no meio desta semana, ela bate o telefone: öVamos ter uma oportunidade. Meu marido vai ao jogo domingoö. Há uma pausa. Ele pergunta: öE seria durante o jogo?ö. Exatamente: durante o jogo. O outro foi implacável: öMas eu também vou ao jogoö. E, como ia ao jogo, como bom pó-de-arroz, teriam que adiar o pecado: öVocê acha o jogo mais importante do que eu?ö. Foi taxativoö: Pra mim, o Fluminense está acima de tudo. Não perco este jogo, nem a tiroö. E ali morreu o amor imortal (RODRIGUES, 2002b, p. 170-171).

Sem dúvida alguma Nelson Rodrigues estaria eufórico com a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, afinal ele percebeu claramente em seus escritos que no campo e na vida, na ginga e no jogo, no peito e na raça se fundem brasilidade e futebol. Torcer é pertencer. Entre atitudes corporais, discursivas e sociais se afirma um sujeito nacional, se inventa um brasileiro. O Brasil se colore de verde e amarelo da aquarela deste esporte das multidões. Somos brasileiros na confiança e na desconfiança, no otimismo e no pessimismo; do complexo de vira-latas ao homem genial estamos impregnados pela linguagem do mundo da bola. Especular sobre o futebol é especular sobre ser brasileiro. E sem temer certa dose de determinismo, enquanto existir uma partida existirá também um brasileiro. Suor e pulsação, romance e surpresa... É eterno, assim como as crônicas de Nelson Rodrigues.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DaMATTA, Roberto (et. al.). *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- COSTA, Márcia Regina da (et. al.). *Futebol: o espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das copas do mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio José; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/FAPESP, 2003.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Fotballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. *“Futebol, metrópoles e desatinos”*. *Revista USP: dossiê futebol*. São Paulo, n. 22, jun-ago., 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Cia das Letras, 2002a.

_____. *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense*. São Paulo: Cia das Letras, 2002b.

Recebido em 26 de agosto de 2012

Aceito em 26 de dezembro de 2012